

Celso Furtado e o Desenvolvimento como Invenção

Andreia Ribeiro Ayres*

Resumo

Este trabalho procura apresentar o pensamento de Celso Furtado como uma referência para se pensar estratégias alternativas ao “modelo único” de desenvolvimento e seus efeitos perversos para economias periféricas e dependentes: concentração de renda, desigualdade social e o não atendimento das necessidades básicas da maioria da população. Essa referência tem sua atualidade corroborada pela necessidade de se ultrapassar os limites de uma concepção estritamente economicista do desenvolvimento situado e sustentável.

Palavras-chave: desenvolvimento, mimetismo cultural, pensamento crítico e criatividade

Abstract

This paper aims at presenting Celso Furtado thinking as a reference to devise strategic alternatives different from the single model of development and its vicious effects to dependent periphery economies. Some of those effects are income concentration, social inequality and basic needs of the major part of the population left unattended. It tries to show that his thinking remains up-to-date, since we need to surpass the limits of a purely economicist vision of sustainable and situated development.

Key words: development, cultural mimesis, critical thinking, creativity

Autonomia epistemológica

Uma significativa afirmação de Celso Furtado é que “*quando o consenso se impõe a uma sociedade, é porque ela atravessa uma era pouco criativa*” (FURTADO, 2002, p.80-81). Essa é uma afirmativa coerente para a trajetória de vida de um pensador que sempre ousou a confrontação crítica, sem medo das desqualificações que o pensamento hegemônico costuma propagar a respeito das heterodoxias. Sua trajetória de vida é também um testemunho do empenho tanto pela assimilação crítica da produção e objetos culturais estrangeiros, como pelo risco de integrar pensar e agir num projeto próprio.

O pensamento de Celso Furtado é de precário enquadramento em rótulos pré-concebidos. Seu desafio maior é a busca por caminhar em direção às respostas dos desafios da vida vivida. Daí advém a força de sua *autonomia epistemológica*. Em seu horizonte não se vislumbra a simples capacidade de resolver problemas já recebidos

*Andreia Ribeiro Ayres

D. Sc. (2005)

Pesquisadora do Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDs) do Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ.

como estruturados e formulados, e sim a capacidade de indicar, discernir, formular e buscar resolver de modo autêntico e próprio problemas e prioridades.

Já na década de 1950, este *economista atípico* não se deixava aprisionar pela algemas mentais da análise economicista, e dava expressão a um indisfarçável incômodo diante da atitude servil de acadêmicos que não faziam mais que reproduzir acriticamente as idéias hegemônicas sobre desenvolvimento originadas nos debates teóricos dos países centrais, ao mesmo tempo em que pretendiam fazer de suas proposições referências para as políticas de desenvolvimento de países e regiões, cujos processos históricos desconsideravam e desqualificavam.

Para Celso Furtado, as dificuldades da ciência econômica, advindas de seu caráter intrinsecamente dual (abstrato-formal e concreto-histórico), eram exacerbadas nas chamadas teorias do desenvolvimento. Ele reconhece os limites da análise abstrata que se reduz à definição das relações estáveis de variáveis importantes num esquema simplificado e geral, sem, no entanto, nunca negar importância a este instrumental analítico. E seu olhar crítico sobre as produções estrangeiras sabe reconhecer a importante contribuição subsidiária das obras elaboradas pelas diversas correntes de pensamento - marxista, keynesiana, clássica, neoclássica, etc. Mas sua ênfase maior é afirmar que as teorias do desenvolvimento, tal como concebidas nas universidades dos países centrais, desconsideravam as especificidades e a historicidade de uma trajetória efetiva de desenvolvimento situado dos países periféricos, um desafio maior que o exercício especulativo da determinação lógico-formal da taxa de investimento compatível com uma trajetória de crescimento equilibrado, construída em abstração de quaisquer determinantes históricos. Essa perspectiva pode ser percebida no esforço de teorização presente em sua obra clássica fundamental, a *Formação Econômica do Brasil*¹.

1 Entre novembro de 1957 e fevereiro de 1958, Furtado redige a ***Formação Econômica do Brasil***. A obra que melhor expressa a consolidação da consciência desenvolvimentista brasileira. Uma

A *Formação Econômica do Brasil* de Celso Furtado foi um elemento-chave na avaliação das possibilidades da industrialização como estratégia de desenvolvimento brasileiro. Seu empenho maior foi superar, com base na abordagem histórico-estrutural, os estreitos limites do formalismo analítico da ciência econômica hegemônica, para com isso propor caminhos próprios para a superação do subdesenvolvimento brasileiro. A implicação mais importante dessa obra é o reconhecimento de que as configurações das diversas estruturas subdesenvolvidas diferem das suposições dos modelos clássicos das *etapas do desenvolvimento*, portanto o subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo (FURTADO, 1961:180).

Para Celso Furtado (1961: p.192), o Brasil é um caso exemplar e complexo da heterogeneidade estrutural característica do subdesenvolvimento e estrutura híbrida pela coexistência dos setores de subsistência, de exportação e o núcleo industrial voltado para o mercado interno. E, portanto, não pode ser analisado à luz de teorizações descontextualizadas e incapazes de apreender as singularidades do subdesenvolvimento.

[...] *Como fenômeno específico que é, o subdesenvolvimento requer um esforço de teorização autônomo. A falta deste esforço tem levado muitos economistas a explicar, por analogia com a experiência das economias desenvolvidas, problemas que só podem ser bem equacionados a partir de uma adequada compreensão do fenômeno do subdesenvolvimento. (FURTADO, 1961: p.193)*

A inserção da economia brasileira no mercado internacional em condição periférica e dependente implicou a configuração de especificidades da formação econômica e social configuradoras de elementos estruturais rígidos, característicos de uma condição de subdesenvolvimento. Já nos anos 1950 Celso Furtado refutava a reprodução da trajetória preconizada pelas nações centrais

primeira versão desta obra teria sido o livro *A Economia Brasileira*, de 1954, inovador e corajoso, diante do quadro de vulnerabilidade em que se encontrava a teoria estruturalista no momento que foi escrita.

industrializadas como o “modelo único” a ser seguido pela política econômica brasileira. A industrialização do Brasil, impulsionada com forte participação do Estado e endividamento externo, foi acompanhada de concentração de renda e não resultou na promoção de uma maior igualdade e equilíbrio, tanto em nível social como regional desenvolvimento. As redefinições de prioridades políticas que marcaram o período posterior a 1980, visando promover uma maior abertura da economia, apoiada em privatizações como vetores de uma integração competitiva na contemporânea economia globalizada, tampouco trouxe melhorias significativas para o quadro vigente de concentração de renda, desigualdades e desequilíbrios.

Perspectiva valorativa

A obra de Celso Furtado testemunha, desde a década de 1950, a crítica da inadequação das teorias econômicas hegemônicas (elaboradas nos grandes pólos acadêmicos de produção de conhecimento dos países centrais – e dos Estados Unidos em particular) para compreender as especificidades dos processos de industrialização tardia da periferia subdesenvolvida, bem como os efeitos perniciosos para a síntese social de um desenvolvimento mimético impulsionado por elites desenraizadas e culturalmente dependentes e subalternas.

Furtado não se deixa iludir pela “modernização da miséria” promovida pelas políticas de desenvolvimento, tendo como resultante potencializar a concentração de renda como vetor de uma diversificação do consumo de bens e serviços, incompatível com a sustentabilidade de um nível endógeno de produtividade, apto a assegurar o atendimento das necessidades básicas das amplas camadas da população. Ele identifica nessa modernização perversa a “[...] adoção de padrões de consumo sofisticados [...] sem o correspondente processo de acumulação e progresso nos métodos produtivos” (FURTADO, 1974: p.81). Nesse contexto a modernização não corresponde a nenhuma trajetória de desenvolvimento situado e sustentável.

A “modernização da miséria” resulta da implementação do “modelo único” de desenvolvimento hegemônico, cujo mimetismo descaracteriza as identidades culturais situadas tradicionais, num contexto onde as pessoas desses povos, países e localidades sofrem “[...] a despersonalização inerente à preeminência da acumulação. Tendem a ser vistas como **coisas**, como prolongação do mundo físico” (FURTADO: 1978: p.40, grifo do autor).

A acumulação de capital para Celso Furtado (1978: p.48) não é apenas um vetor de transformações que, apoiado em inovações tecnológicas, introduz modificações no sistema de produção e nas estruturas sociais: ela configura a formação social e os modos relacionais inter-humanos e com o meio natural. E no contexto da formação econômica do Brasil a acumulação de capital perpetuou, com base na industrialização mimética implementada no passado recente, um quadro de dependência e desigualdade. E ela se torna um perverso e injusto fim em si “[...] quando passa a constituir a base de dominação social” (FURTADO, 1978: p.48) e requer a ilusória e insustentável difusão dos padrões de consumo da minoria privilegiada como espelho de seu futuro.

Celso Furtado (1978: p.77) já alertava ao final dos anos 1970 que a ideologia desenvolvimentista substituiu o mito das vantagens da especialização internacional, concebendo o desenvolvimento como uma performance adaptativa aos ditames da globalização competitiva, ignorando tanto os custos da destruição dos valores identitários culturais como as práticas predatórias ao meio ambiente. O novo mito do mimetismo consumista anestesia a responsabilidade social e política dos protagonistas, num contexto geral onde “ a possibilidade de criar algo para si próprio ou no quadro das relações pessoais mingua: a vida como projeto original tende a ser substituída por um processo de adaptação a estímulos exteriores” (FURTADO, 1978: p.85).

— A crítica de Celso Furtado expressa também o reconhecimento dos limites intrínsecos ao economicismo e afirma a urgência de uma abordagem interdisciplinar nas teorias do desenvolvimento econômico. Para ele,

a idéia de desenvolvimento está no centro da visão de mundo que prevalece na época atual. A partir dela o homem é visto como um fator de transformação, tanto do contexto social e ecológico em que está inserido como de si mesmo. Dá-se como evidente que o homem guarda um equilíbrio dinâmico com esse contexto: é transformando-o que ele avança na realização de suas próprias virtualidades. Portanto, a reflexão sobre o desenvolvimento tem implícita uma teoria geral do homem, uma antropologia filosófica (FURTADO 1984: p.105)

Celso Furtado enfatiza que o desenvolvimento autêntico requer a abertura para a pluralidade de expressões, a espontaneidade e a criatividade. O consumismo de bens culturais é elemento limitativo que impacta negativamente sobre as identidades culturais, pois

*“mais do que **transformação**, o desenvolvimento é **invenção**, comporta um elemento de intencionalidade. As condições requeridas para que esse elemento se manifeste com vigor dão-se na história, ou seja, são irredutíveis a esquemas formalizáveis. (FURTADO, 1984: p.105, grifo do autor)*

Segundo Celso Furtado (1978: p.81-82) a geração e realização do excedente econômico é um desafio à capacidade criativa do homem. Questão crucial nesse contexto é preservar o gênio inventivo da cultura diante da necessidade de assimilar técnicas potencializadoras da eficiência e eficácia das intervenções produtivas.

Em sua denúncia da falsa neutralidade valorativa das técnicas, Celso Furtado dá visibilidade ao que designa como a dimensão oculta do desenvolvimento: *a criação de valores substantivos*. Valores que são bloqueados e suprimidos quando prevalece a transformação de meios em fins, pois o desafio maior das políticas de desenvolvimento

é descobrir o caminho da criatividade ao nível dos fins, lançando mão dos recursos da tecnologia moderna na medida em que isso seja compatível com a preservação da autonomia na definição desses fins. (FURTADO, 1984: p.118)

(...)

Cumpra-nos pensar em desenvolvimento a partir de uma visualização dos fins substantivos que desejamos alcançar, e não da lógica dos meios que nos é imposta do exterior [...] (FURTADO, 1984: p.30)

O desenvolvimento na perspectiva de Celso Furtado é fundamentalmente um *processo de invenção*, cuja intencionalidade é *situada* na concretude situacional, enraizada num contexto histórico-cultural determinado. Todo desenvolvimento autêntico é também uma resposta a necessidades básicas humanas, afirmada com base na *criatividade política*, que não se circunscreve às fórmulas prontas e pretensamente universais do economicismo hegemônico do “modelo único”.

Para Celso Furtado a prevalência do modelo único de desenvolvimento se vincula aos efeitos perversos do mimetismo cultural promotor da acrítica transposição de modelos e do economicismo como legitimação ideológica de uma modernização mimética. O pensamento de Celso Furtado se apresenta como um caso exemplar do empenho por autonomia epistemológica, por uma reflexão autêntica e criativa, capaz de lidar com a diversidade de realidades situacionalmente concretas e propor caminhos alternativos e projetos próprios de desenvolvimento.

Para Celso Furtado as políticas de desenvolvimento econômico possuem uma dimensão antropológico-filosófica implícita que permite conceber o desenvolvimento como um processo endógeno e conduzido em função de prioridades colocadas pelos próprios atores situacionalmente afetados. Essa perspectiva deve abrir espaço para a afirmação das potencialidades do pluralismo e da diversidade cultural. Isto implica conceber o desenvolvimento como um processo de invenção cuja intencionalidade é *situada*, enraizada na concretude da vida vivida em contextos histórico-culturais determinados. Isto se traduz no “*empenho por descobrir novas potencialidades latentes nas situações cotidianas, e renovada disponibilidade para a surpresa e o risco de descolonizar o futuro das efêmeras certezas de hoje. Certezas que estruturas interessadas de poder nos*

apresentam como perenes. Dito de modo mais simples: é urgente recuperar a faculdade de tornar possível amanhã o que hoje parece impossível.” (BARTHOLO, 2002)

Nessa perspectiva, o legado de economistas como Celso Furtado pode servir de referência valorativa às estratégias de desenvolvimento de cunho genérico e universalista, baseadas na lógica expansiva do mercado globalizado.

Referências Bibliográficas

AYRES, A.R. (2005) *Ares do Brasil. Celso Furtado, o lugar do desenvolvimento*. Tese de Doutorado, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro.

BARTHOLO JR., R. S. (2001) “A mais moderna das esfinges: Notas sobre Ética e Desenvolvimento”. In: BURSZTYN, M. (Org.). *A Difícil Sustentabilidade. Política energética e conflitos ambientais, Coleção Terra Mater, Rio de Janeiro, Garamond, p. 13-26*.

^{3/4}. (2002) “A Pirâmide, a Teia e as Falácias”. In: *Sociedade do conhecimento: novos desafios universitários*. Seminário NEAL. Anais do Seminário Sociedade do conhecimento: novos desafios universitários. São Paulo, v. 1. p. 7-14, Uni FEI.

BARTHOLO JUNIOR, R.S. TUNES, G. (2004) “Ucronia – sobre o tempo da vida vivida e alguns dilemas éticos contemporâneos”. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, n° 157, pp. 5-44.

BIELSCHOWSKY, R. (1996) *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*, 3. ed., Rio de Janeiro, Contraponto.

^{3/4}. (2000) *Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL*, Rio de Janeiro, Record, v.1.

FURTADO, C. (1961) *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, 1.ed., Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.

^{3/4}. (1970) *Formação Econômica do Brasil*, 10.ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional.

^{3/4}. (1974) *O mito do desenvolvimento econômico*, 4.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.

^{3/4}. (1978) *Criatividade e dependência na civilização industrial*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

^{3/4}. (1984) *Cultura e Desenvolvimento em época de crise*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, Coleção Estudos Brasileiros, v.80.

^{3/4}. (1998) *O capitalismo global*, 5.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.

^{3/4}. (2002) *Em busca de um novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*, São Paulo, Paz e Terra.

RAMOS, A.G. (1996) *A redução sociológica*, 3. ed., Rio de Janeiro, UFRJ.

ZAOUAL, H. (2003) *Globalização e diversidade cultural*, 1. ed., São Paulo, Cortez .